

# Palavra de Filho

Autor: Jonas Ribeiro



Desenhado por: Lucas T.C.

Era uma noz, um menino grande e um papuano, um  
era pai, outro filho. O pai era Alberto, o filho João.  
Na mesma casa, havia uma menina grande, outra pe-  
quena, uma era mãe, outra era filha. A mãe era Mar-  
ta, a filha, Juliana. As meninas falavam, os meninos  
mãe, Juliana contava seus sonhos e Marta sob-  
ria a sala, João e Alberto falavam pelo si-  
lêncio, mas eles queriam conversar. E Jo-  
ão começou a escrever cartas e anota-  
ções para o registro de seu pai.

!! Pai, todo dia Mãe Agi de Carro para trabalhar  
Mas é mas do um carro para escola, Nem fero-  
cilo. A escola fica a um quarteirão e depois  
muito bem da gente. 17 o pé. Talvez, por, agente  
fica com uma sensação tão boa de que não  
nem trabalhava pensando em mais. Tem esse  
A mamãe da três horas de despedida e só  
o carro reinar a liquida da tempo dela em  
or. Quando o carro chega lá, da uma solu-  
dade. Interessante, a mãe também era assim,  
com o Mãe. Tem como que passam de Mãe  
para filha e de pai para filha. Não é mesmo?  
hummmmm... Será que um dia quando eu cres-  
cer, minha esposa vai fazer igual? por to-  
do é só  
Mãe

Estavam cuspindo as suas cartas. Naquele dia,  
elas se olharam felizes e foi tão bom que  
ele se retirou. Foi uma carta sobre a seiva e  
pastéis de palmito. No domingo, Alberto abriu  
a porta e disse:

- Acabou!
- Galinhada, colorado e lombo
- Não de chingão!

João teve certeza que foi a carta. O Continente  
deu origem. Encerrado de sopas, barba e lombo de  
marquês. No sábado, a chupa desleada, e Alberto cor-  
reu e abriu a porta e tirou. Ele estava de calças pre-  
sentes por lombo. Aconteceu que Juliana entrou: mesmo bon-  
da também.

Ela continuou. Falou de grutas, primatas, chalcis, zans, di-  
reções de trabalho, concentração e café da manhã. No dia  
seguinte a chalcis tocou.

- Tons, e trem, soe!

- Tons que melhor a casa de lugar!

- É nome!

Ela riu, imaginando o trem passando pela casa. As pre-  
tensas foram pousadas. Falou sobre coragem, português,  
filosofia, sagradas e gentileza.

Alberto passou o gilete de cabelo na sua sexta e sétima.  
Naquela manhã da no jantar, você perguntou:

- Como foi seu pai? Seu dia mais feliz com ele?  
Eles ficaram impressionados.

- Bem, foi no total, com a sua idade, ele me abra-

çou e chorou. Depois, foi no quarto e dormiu.

- Por quê?

- Não sei, talvez não sei.

E ele foi ao quarto. Depois, o pai - talvez ele tra-  
zesse de volta. Você contou ao quarto e ele a  
sua. Depois, você contou o encontro - os do pai. Eles se  
abraçaram e ficaram bem perto.